

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

DEPARTAMENTO DE MEDICINA

ULIANA PEREIRA DA SILVA LISBOA

Coração, cabeça e estômago:

Uma narrativa reflexiva sobre a trajetória no curso de medicina
na Universidade Federal de São Carlos

SÃO CARLOS - SP

2024

Uliana Pereira da Silva Lisboa

Coração, cabeça e estômago:

Uma narrativa reflexiva sobre a trajetória no curso de medicina
na Universidade Federal de São Carlos

Heart, Head, and Stomach: A reflective narrative on the
trajectory in the medical course at the Federal University of São
Carlos

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao departamento de
medicina da Universidade Federal de
São Carlos, para obtenção do título de
bacharel em Medicina.

Orientador

Prof. Dr. Jair Borges Barbosa Neto

SÃO CARLOS - SP

2024

Dedicatória

Dedico este pedaço do meu íntimo a cada um que mantém a persistência,
a poesia e a bondade, mesmo frente à
aspereza e aos grandes obstáculos.

EPÍGRAFE

“A vida é breve, a arte é longa.”

Hipócrates

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, aos seus esforços hercúleos e ao seu amor incondicional, que me nutrem, amparam e inspiram.

Agradeço a cada paciente por sua confiança, paciência e grande generosidade em compartilhar seu íntimo, suas dores e esperanças, sem os quais, não haveria medicina alguma.

Agradeço aos meus amigos queridos por cada momento de riso, apoio, conforto e irmandade.

Agradeço a cada professor do ensino fundamental à faculdade, por sua dedicação à tão nobre e complexa tarefa de transmitir o conhecimento técnico e aquele imensurável que livro algum pode conter.

Agradeço a cada funcionário da limpeza, segurança e administração de cada instituição que estive, sem os quais nenhum serviço se sustentaria.

LISTA DE ABREVIações

ENEM - Exame nacional do ensino médio

FUVEST - Fundação universitária para o vestibular

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

USP - Universidade de São Paulo

RESUMO

O Formato de narrativa crítico-reflexiva como trabalho de conclusão de curso, está previsto no Projeto Pedagógico do Curso de Medicina da UFSCar.

Ao longo das seguintes páginas, descrevo parte de minha travessia nas ciências médicas, que se inicia ainda na infância, como uma ideia vaga, lúdica e fantástica e vai ganhando concretude e complexidade conforme o passar dos anos e o surgimento de novos cenários, que proporcionaram relatos e reflexões íntimas de todo este intenso e inesgotável processo de formação médica.

Como uma ávida e apaixonada consumidora de literatura e das humanidades em geral, me inspirei, com as devidas adaptações, na tríplice divisão observada do romance “Cabeça, coração e estômago”, de Camilo Castelo Branco.

No primeiro corte, “coração”, traz o início do processo de construção do desejo pela medicina, ainda na infância, um lado com predomínio mais idealista e fantástico.

Seguidamente, em “cabeça”, este ideário mais fantasioso e rudimentar, passa a ganhar progressivamente um tom mais concreto e complexo, que abrange do preâmbulo da aprovação à graduação propriamente.

Por fim, em “estômago”, há o fechamento com uma reflexão mais imediatista do que tem me nutrido e impulsionado no presente.

Palavras chave: Narrativa Crítica; Formação Médica; Identidade Profissional; Experiência Subjetiva; Humanidades

ABSTRACT

The critical-reflective narrative format as a final course work is foreseen in the Pedagogical Project of the Medicine Course at UFSCar.

Throughout the following pages, I describe part of my journey through medical sciences, which begins in childhood as a vague, playful, and fantastic idea, and gradually gains concreteness and complexity as the years pass and new scenarios emerge, providing intimate accounts and reflections of this entire intense and inexhaustible process of medical training.

As an avid and passionate consumer of literature and the humanities in general, I was inspired, with the due adaptations, by the triple division observed in the novel "Head, Heart, and Stomach", by Camilo Castelo Branco.

In the first cut, "heart", brings the beginning of the process of building the desire for medicine, still in childhood, a side with a more idealistic and fantastic predominance.

Subsequently, in "head", this more fanciful and rudimentary idea begins to gradually take on a more concrete and complex tone, which ranges from the preamble of approval to graduation itself.

Finally, in "stomach", there is a closing with a more immediate reflection of what has been nourishing and driving me in the present.

Key words: Critical Narrative; Medical Education; Professional Identity; Subjective Experience; Humanities

I - CORAÇÃO

“Não há nada que esteja menos sob o nosso domínio que o coração, e, longe de podermos comandá-lo, somos forçados a obedecer-lhe.”

Jean Jacques Rousseau

Do processo de decisão pela carreira até a aprovação

Por que medicina? Afinal, “escolher uma carreira”, quão ambiciosa é esta tarefa, não? Escolher uma função que abocanhará entre um terço, um meio, ou mais de nosso dia, não é de forma alguma simples.

Ainda, somos impelidos socialmente a tomar esta decisão crucial muito jovens, em meio à imaturidade do nosso córtex pré-frontal, justamente a estrutura cerebral que está relacionada ao *“pensamento e raciocínio e no mais alto nível de organização comportamental direcionada a um objetivo”*

Dentre os primeiros temas que tivemos no primeiro ano, os ciclos de vida, em que consta a adolescência, um fascinante período de transição entre a infância e a vida adulta, onde há uma dança e disputa entre caracteres da infância e da vida adulta, que levam a grandes mudanças físicas, cognitivas e psicossociais.

Segundo Papalia (2009), este é um período marcado pelo desenvolvimento de nossa identidade pessoal, onde observamos o fortalecimento das habilidades de raciocínio abstrato e a busca por autonomia, além de haver por nossa imaturidade cortical uma maior impulsividade, influência dos pares e das relações sociais e maior dificuldade de se concentrar em objetivos de longo prazo.

Mas é um período sobretudo heterogêneo, a se considerar diversas variáveis culturais, sociais e psíquicas de nosso percurso anterior, durante a

infância, que constroem e nos colocam em variáveis graus de configuração neste período de tempo.

Citando ainda Papalia (2009), os acontecimentos e experiências da infância têm um papel importante na adolescência: a formação de uma base emocional segura e de uma autoconfiança sólida durante os nossos primeiros anos de vida influencia a capacidade do enquanto adolescentes de enfrentar os desafios dessa fase.

As crianças que receberam suporte emocional, educação e oportunidades de desenvolver sua autonomia têm maior probabilidade de fazer escolhas mais conscientes e alinhadas com seus interesses e habilidades em formação. (Papalia, 2009)

E após esta breve introdução, recupero um momento crucial durante os primórdios de minha infância: o experimento de fascínio que vivi ao ter contato com uma enciclopédia sobre o corpo humano que havia em casa. Deveria ter entre 5 ou 6 anos e estava na transição para minha alfabetização e pedia para alguém ler pra mim o que havia naqueles livros até eu podê-lo fazer sozinha.

Houve ali uma sensação profunda e intensa de autoconhecimento, ficava maravilhada com a possibilidade de compreender nosso funcionamento e como este era complexo e belo. Era uma experiência quase lírica de observar a orquestra viva composta por nossos diversos sistemas e como eles estavam interconectados.

Foi neste momento que o ovo hipocrático passou a chocar, com a licença poética de fazer um uso benigno de tal metáfora.

Minha mãe então, observando meu fascínio, a fim de nutrir e potencializar meus anseios - passei a verbalizar que iria ser médica e estudar o corpo humano - me levou, quando deveria ter por volta de 7 anos, em um parque em que havia uma boneca gigante que entrávamos dentro para uma espécie de tour por toda a sua anatomia. Fiquei profundamente encantada, sendo literalmente e metaforicamente engolida pelo objeto de minha satisfação.

Toda minha família fornecia apoio aos meus anseios e fantasias infantis, penso que em parte havia toda esta dedicação por eles em si terem seus

sonhos e anseios tolhidos por uma vida cheia de limitações e dificuldades financeiras, em que não havia tempo para fantasias, só havia a dura necessidade prática e visceral de garantir o agora, de se preocupar e lutar para a o mínimo da sobrevivência, para que não faltasse o pão.

Ainda, minha infância passou por momentos turbulentos em relação à saúde frágil de minha mãe, por conta de sua cardiopatia, vivíamos em hospitais. Se tornou um ambiente quase familiar.

Havia em cada ida aos hospitais uma mistura de sensações, o temor e a sensação de incapacidade frente às patologias e o maravilhamento pelo esforço de tentar enfrentá-las - sentimentos que me acompanham até os dias atuais em cada atendimento.

Embora não entendesse com grande profundidade sobre a “oclusão da artéria descendente anterior, infarto agudo do miocárdio e insuficiência cardíaca”, sabia da importância do funcionamento adequado do coração pela minha enciclopédia e achava o papel dos médicos do Instituto do coração do Hospital das Clínicas da USP grandioso frente a este que era o mais temeroso vilão presente em minha infância.

Mantive essa ideia de ser médica, que foi transitando e se modificando durante a progressão pelos os estágios de Piaget, a saber, pré-operacional, operacional concreto e operacional formal. (Gomes, 2009)

No pré-operatório, que envolve entre os 2 e 7 anos, através do pensamento simbólico, de fantasiar o faz-de-conta, me imaginava médica cuidando dos órgãos e sistemas que eu achava tão legais e curiosos, performando tal fantasia por meio das brincadeiras.

Passei ao operacional concreto, observado entre os 7 e 11 anos, em que as brincadeiras ainda se mantinham presentes, ganhavam mais complexidade e por este ser um período em que o raciocínio se torna mais lógico, embora ainda muito dependente dos eventos concretos, ouvia dos médicos que tinha que estudar muito para ser médica, então aplicava bastante dedicação aos meus estudos escolares e tentava imitá-los em minhas brincadeiras.

Entretanto, há aí um outro ponto relevante: minha trajetória escolar. Sempre frequentei escolas públicas, em que o ensino era majoritariamente precário. Me sentia muito realizada com meu desempenho acima da média na escola e aquilo me trazia satisfação.

Veja, vim de uma família muito humilde, tinha diversas aflições sobre as consequências de nossas limitações financeiras e sobre a saúde de minha mãe. Nesse contexto, estudar e ter um feedback positivo dos professores, ter esta validação preenchia uma lacuna interna, servia como um mecanismo de fuga da aspereza dos diversos conflitos que tinha que lidar durante a infância e adolescência.

Minha família também se mostrava muito satisfeita com as devolutivas que recebiam de mim da escola e isto também achava de grande relevância, sabia da grande aflição que viviam e esforço para me blindar disto, então ficava muito grata de poder criar um tipo de bálsamo a partir disso, de tentar mostrar que seus empenhos eram valorizados por mim e surtiam efeitos.

Todavia, era muito fácil estar acima da média num ambiente que a régua que nos media era tão baixa, mas não tinha esta compreensão na época.

Convivemos com colegas de extrema fragilidade psicossocial e familiar, professores desmotivados e desatualizados. A parte técnica era muito comprometida e ainda havia diversos episódios de violências verbais e psíquicas lançadas sobre os alunos, principalmente aos mais vulneráveis psicossocialmente, que inquestionavelmente eram os que precisavam de um amplo apoio em diversos sentidos.

Nós alunos que tínhamos uma relação mais próxima uns dos outros, sabíamos dos bastidores das vidas de cada um e tínhamos alguma noção de que o “comportamento inadequado” se tratava de uma reverberação de um profundo sofrimento que muitos viviam, que não seria a escola que iria resolver e que o outro lado - hoje tenho este conhecimento - também possuía seus dissabores, professores com formações deficitárias, sobrecarregados, mal remunerados.

Entre a terna gratificação de alguns professores e a hostilidade de outros, tentava me manter firme e acreditar que por meio da dedicação e disciplina com os estudos poderia “ser alguém na vida”, poderia escapar de uma realidade muito dura e resgatar minha família comigo.

Fui saber da existência de vestibular vagamente durante a metade do primeiro ano do ensino médio. Tive professores abençoados, gentis e que colocavam grande empenho e incentivo em nosso processo de formação, faço menção honrosa ao professor Cosme, professora Mônica e Silvana. Tenho grande admiração e gratidão a estes mestres que nos nutriam num ambiente difícil, cheio de percalços.

I-CABEÇA

“O que é, o que é? Clara e salgada. Cabe em um olho e pesa uma tonelada. Tem sabor de mar. Pode ser discreta. Inquilina da dor. Morada predileta. Na calada ela vem”

Racionais

O luto e a urgência de amadurecer precocemente

Em meio a minha adolescência e de tudo que já fora contextualizado que representa tal período, conforme ia deixando as brincadeiras de lado e minha massa cinzenta ia se hipertrofiando e gerando conexões mais complexas, tomava conhecimento que havia uma prova difícil a ser enfrentada, mas até então tinha uma visão muito vaga do que isto, “vestibular”, significava e me mantinha otimista pois ia muito bem nas provas da escola e era só mais uma prova afinal, seguia lendo meus livros e abstraindo dos inúmeros episódios dolorosos que surgiam frequentemente.

Meu avô adoeceu aos meus 15 anos. Minha figura paterna, que me ensinava a ser mais dura na queda, mas que não reprovava meus momentos de fragilidade e me confortava. Descobriram um câncer colorretal avançado e cirrose hepática. Os médicos diziam que o quadro era grave e irreversível e rapidamente evoluiu para óbito.

Não tive tempo de vivenciar adequadamente meu luto, estávamos com a parte econômica desestruturada, o mundo não parou frente a minha grande dor -ele nunca para- tive que amadurecer rapidamente, assumir responsabilidades e trabalhar.

Minha família se mostrou receosa de que eu tão jovem tivesse que dividir meu tempo entre estudos e o labor, creio que temiam que a história se

repetisse, que meus estudos ficassem secundários e eu perdesse oportunidades e sonhos que eles perderam. Disse que ao menos tentaria, que era necessário e que sairia assim que as coisas melhorassem, seria temporário naquele momento delicado de inúmeras perdas em relação à figura de meu avô, inclusive parte importante de nossa renda.

“Baby, nem todo poeta é sensível

Eu sou o maior inimigo do impossível”

Baco exu do blues

Todos os animais são iguais, mas alguns são mais iguais que outros

Não foi fácil. Mas para a maioria esmagadora da população a vida não é nada fácil.

Romper uma organização social opressiva e desigual exige muito suor, lágrimas, persistência e dureza nas inúmeras quedas que surgem.

Entre a rotina exaustiva de estudar à noite e o trabalho, cintilou com mais clareza minha classe. Antes, com meus iguais, todos estávamos em situações semelhantes, difíceis em maior ou menor grau, mas cheia de apoio e irmandade.

Até que, certa vez em meu trabalho, estava com os chefes esperando o elevador e como estava demorando, resolvi ir pelas escadas, 5 andares descijovem e cheia de energia. Todavia, me chamaram após decorrido algum tempo para elogiar eu ter escolhido a escada e não o elevador com os chefes, que deveria evitar elevador com os chefes. Naquele momento não entendi direito o que se passava, mas senti um estranho desconforto com aquela fala.

Como traz Orwell (2021), em seu clássico *Revolução dos bichos*, *“todos os animais são iguais, mas alguns são mais iguais que outros”*. Ainda hoje, me causa desconforto separar quase em um sistema de castas os elevadores e ambientes para os funcionários, sobretudo os de limpeza e manutenção, das “demais pessoas”.

Entretanto, havia colegas muito doces e gentis em meu primeiro trabalho na Secretaria de educação de Osasco, que tornavam esse período delicado mais tolerável, que valem o destaque.

Ainda, como destaque, mas negativo desta vez, ouvi em determinado momento de algum empresário que estava aguardando determinada reunião, que seu sobrinho também queria medicina e estava estudando muito no cursinho, quase 16 horas por dia e fazendo muitos simulados e num tom passivo agressivo me disse que era muito difícil de passar em medicina.

Mal sabia eu o que era cursinho, simulado, mas a princípio me assustou aquele valor de 16 horas, pois somando o tempo entre transporte e trabalho, já não cumpria esta carga. Fiquei preocupada, tive pela primeira vez a noção de que seria algo bem menos simples do que eu estava a imaginar.

Foi daí que fui fazer questões de provas anteriores, errei a maioria. Foi um baque e tanto, fiquei profundamente entristecida e frustrada, meu maior valor naquele momento era o desempenho escolar, mas o grau de complexidade das questões era bem diferente daquele do que aprendia na escola.

Depois de um ano de trabalho, minha avó conseguiu a aposentadoria por morte de meu avô, melhorou um pouco a nossa parte financeira, pude deixar meu trabalho. Fui buscar um cursinho, estava muito preocupada e aflita com o vestibular, mas os cursinhos eram muito caros pra minha realidade e eu nem sabia da existência dos cursinhos sociais naquele tempo.

Então estudei para a prova de bolsa de um cursinho próximo à minha escola, obtive um ótimo desconto e embora mesmo com desconto não pudesse pagar a reluzente “turma de medicina”, podia pagar uma mais simples, que pra mim já parecia melhor que nada.

Lá percebi com mais clareza através das aulas e simulados que eu estava muito atrás nesta corrida, e nem existia política de cotas ainda. Senti que eu não era tão inteligente assim quanto acreditei toda minha vida e entrei em uma grande crise interna, achava que jamais passaria em medicina, que deveria pensar em outra coisa, mas mesmo triste já comecei a recalcular a rota, quis já traçar um novo plano e seguir em frente - o mundo não para.

Meu irmão mais velho havia cursado Filosofia e eu gostava das humanidades tanto quanto de biologia e química. Achava fascinante quando

meu irmão me contava o que estava estudando na faculdade, embora meus neurônios quase dessem um nó. Sempre tive muito estímulo à literatura, artes e filosofia em minha casa e como as notas de corte dessas disciplinas eram mais críveis para mim, parecia um bom plano.

Escolhi Filosofia então, sem pensar em carreira, mercado, nada disto, considerando puramente a minha afinidade e que parecia ser um objetivo mais concreto de alcançar.

Parei de fazer os simulados, para não me desmotivar ainda mais, estudava apenas teoria e fazia questões antigas e deixei de assistir às aulas de física e matemática, não conseguia acompanhar minha turma, em sua maioria alunos de escolas particulares que frequentavam o cursinho vespertino como complemento ao ensino médio, alunos que já estavam sendo preparados intensivamente desde o fundamental e muito mais a frente, enquanto me faltava a base elementar, que eu tentava correr atrás.

Sentia que aquele não era meu lugar, muitas vezes preferia faltar à aula e estudar na biblioteca e tirar dúvidas com os plantonistas.

Certa vez, houve um momento emblemático, ao ir ao banheiro do cursinho, vi que a funcionária da limpeza estava lá sentada num cantinho, em um pequeno balde sem qualquer ergonomia em uma posição que parecia muito desconfortável e ela já era uma senhora de idade. Perguntei por que ela estava sentada ali, falei para ir descansar nas poltronas lá fora, mais confortáveis, quando ela me respondeu que não podia frequentar os mesmos espaços dos alunos. Fiquei arrasada, me lembrei do episódio do elevador no meu antigo trabalho e me questionei se eu também deveria frequentar aquele espaço com aqueles alunos tão diferentes de mim.

Me sentia como algum tipo de versão de Sísifo, continuava subindo a montanha com minha pedra, mesmo que ela rolasse de volta ao começo diversas vezes.

Mesmo meu desempenho melhorando, estava acertando mais questões, cada vez frequentava menos aulas, pra não me comparar com os demais, para tentar manter o foco sem a sensação de ser insuficiente.

*“O mistério das coisas? Sei lá o que é mistério!
O único mistério é haver quem pense no mistério.
Quem está ao sol e fecha os olhos,
Começa a não saber o que é o Sol
E a pensar muitas coisas cheias de calor.
Mas abre os olhos e vê o Sol,
E já não pode pensar em nada,
Porque a luz do Sol vale mais que os pensamentos
De todos os filósofos e de todos os poetas.”*

Fernando Pessoa

Vestibular, filosofia – encantos e desencantos.

Ao final do ano, fiz o ENEM, não fui tão bem, me perdi no tempo, não tinha agilidade, pois não treinava essa habilidade de gerência do tempo. Faltava um mês para a FUVEST e então foquei em melhorar meu domínio do tempo, fazia muitas provas anteriores. Surpreendentemente fiz 61 pontos, claro eu me dediquei para isto, embora tivesse ficado a maior parte do ano me consumindo em baixa autoestima e insegurança, inclusive minha nota foi maior que a de muitos colegas que julgava tão melhores e percebi que cheguei perto de medicina naquele ano, em que o corte foi 69. Pensei por um momento que poderia sim passar pra medicina, que faltou muito menos do que eu imaginava, que poderia me dedicar mais, mas já estava de olho na segunda fase.

Fui aprovada em filosofia e por mais que as humanidades não tenham grande valor social, me sentia muito feliz em dizer que cursava filosofia na USP.

Mas, sempre que ocupei lugares mais “improváveis”, em cada pequena vitória, que me enchia de alegria, também me vinha - e ainda vem- à memória

os muitos amigos queridos que ficaram pelo caminho, em “subempregos” ou que se encaminharam para a criminalidade e me entristece saber que mesmo que eu não tenha tido tantas oportunidades e estrutura, tive ainda tão mais que uma grande parcela da população.

Sentia a todo momento o apoio, orgulho e amor de minha família, meu maior combustível para sempre persistir. Pensava em minha avó, que na roça passou por privações extremas, a ponto de ter de caçar animais para se esquivar da fome, que teve que cozinhar com madeiras que encontrava para aquecer um galão de tinta vazia, pois não tinha fogão ou gás e como ela se enchia de orgulho de ver seus netos estarem na universidade, quando ela mal pode terminar o fundamental pra trabalhar exaustivamente para garantir o básico da sobrevivência. Minha mãe, igualmente, falava com orgulho de cada feito dos seus filhos, ela, mãe solo cheia de bravura que não pôde frequentar a universidade quando jovem pois mesmo doente sempre teve que ir para a labuta dura, em diversos empregos simultâneos com remuneração precária, que tomavam todo seu tempo.

Foram anos incríveis na filosofia, amadureci muito intelectualmente e criticamente, o mundo se apresentava diferente para mim, de forma irreversível...

Foi também na universidade que passei a ouvir de diversos colegas já formados e aposentados em outras áreas, que cursavam filosofia por hobby, que esse curso como carreira não dava “futuro”, mas me mantive no presente, resisti, mal tive uma conquista depois de tantos dissabores e já tentavam minar isto de mim, pensava eu.

Achava naquela época que poderia seguir carreira acadêmica, dar palestras, escrever para jornais, tentei buscar saídas. Mas a concretude estava lá, fria, visceral e inegável, via colegas doutores, pós doutores, tão talentosos e longe do que eu queria almejar financeiramente para mim e minha família.

Queria para nós uma vida sem tantos percalços, queria bons médicos para minha mãe e avó, queria que pudéssemos ter uma vida mais tranquila, menos limitada; que pudéssemos comer melhor, nos vestirmos melhor, ter mais lazer.

Não que em algum momento achei verdadeiramente que seria rica com a medicina, mas achei que a probabilidade de alcançar um status financeiro mais atrativo que a filosofia me parecia muito mais factível.

“Digo: o real não está na saída nem na chegada ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.”

Guimarães Rosa

É preciso imaginar Sísifo feliz

Fui progressivamente amadurecendo a ideia de tentar retomar meu antigo desejo, cursar medicina, mas já haviam se passado 3 anos e eu já não recordava tão vivamente as coisas do vestibular, não poderia conciliar a faculdade e os estudos. Tracei mais um plano, prestei diversos concursos públicos e pensei que ia juntar algum dinheiro para comprar bons materiais, bons livros e para poder ficar em casa apenas estudando.

Passei como assistente administrativo no Conselho de Arquitetura e Urbanismo, saía de casa às 6 horas da manhã e chegava por volta das 20, devido ao trânsito insano de São Paulo. Conseguia estudar muito pouco, mas estava indo bem nas provas antigas, embora não o suficiente para medicina.

Então me ocorreu prestar direito na USP pois estava certa que conseguiria passar e achava que chamaria a atenção dos cursinhos pra convencê-los a me dar uma bolsa de 100%.

Fui de fato aprovada em direito e lá fui eu mandar diversos e-mails para os cursinhos pedindo uma oportunidade, mas ninguém sequer respondeu meus contatos. Minha rocha rolou ao início da montanha mais uma vez, mas, como diria Camus, é preciso imaginar Sísifo feliz.

Camus, um dos meus autores preferidos, trazia que a questão central da filosofia era definir se a vida valia a pena ser vivida. O autor redireciona um dos maiores questionamentos ontológicos “qual o sentido da vida?”, para algo como “será que a vida precisa de um sentido, na acepção mais ortodoxa do termo?” (Camus, 2019)

Ele nos traz que uma experiência de absurdo surge no homem a partir do conflito entre o desejo humano por sentido e a falta de resposta a este anseio no mundo. Apesar disso, ele rejeita a ideia de que a ausência de sentido deva levar ao desespero ou ao suicídio.

Em vez disso, Camus propõe que haja uma atitude de revolta diante do absurdo. Ao aceitarmos que a vida é desprovida de um significado intrínseco, mas ao mesmo tempo escolhermos vivê-la plenamente, é aí que o indivíduo encontra liberdade:

“Deixo Sísifo na base da montanha! As pessoas sempre reencontram seu fardo. Mas Sísifo ensina a felicidade superior que nega os deuses e ergue as rochas. Também ele acha que está tudo bem. Este universo, doravante sem dono, não lhe parece estéril nem fútil. Cada grão dessa pedra, cada fragmento mineral dessa montanha cheia de noite forma por si só um mundo. A própria luta para chegar ao cume basta para encher o coração de um homem. É preciso imaginar Sísifo feliz”.
(Camus, 2019)

“Alvorada lá no morro, que beleza

Ninguém chora, não há tristeza

Ninguém sente dissabor

O sol colorindo é tão lindo, é tão lindo

E a natureza sorrindo, tingindo, tingindo”

Cartola

Dos estudos do pré-vestibular à sonolência reconfortante pré-aprovação.

Por um ano e meio estudei em casa, muitos eventos adversos aconteceram neste curto período, mas já me sentia calejada para lidar com eles e me mantive firme me dedicando com afinco ao meu objetivo. Escolhi a UFSCar no SISU, fiquei curiosa com o método peculiar que valorizava o autodidatismo, com o qual já estava habituada e pelos meus cálculos tinha boas chances de aprovação e não ficaria muito longe de minha família.

O prelúdio da minha aprovação foi sobretudo surreal e caótico.

Fui convocada na segunda chamada para ir presencialmente manifestar meu interesse, isto é, a partir das vagas não ocupadas na primeira chamada aqueles que comparecem presencialmente levam documentos pela manhã para obter resposta no período da tarde se de acordo com a colocação na fila de espera ocupariam a vaga ou não. Acredito que hoje tal sistema tenha mudado e que seja feito de forma online.

Como morava muito longe da rodoviária, não havia horário de transporte em Osasco para pegar ônibus para São Carlos com uma segura antecedência do horário de entrega dos documentos. Minha saída foi passar a noite na rodoviária para embarcar pela madrugada. Mal dormi naquelas cadeiras duras,

fora que a Rodoviária do Tietê na virada da noite para madrugada era um microcosmo a parte, que não irei comentar.

Fiquei a todo momento entorpecida de sono, tudo parecia muito irreal. Estava tão cansada que ao menos não tinha energia para ficar ansiosa ou pessimista, estava tomada por um automatismo quase apático.

Enfim, ela: a esperada aprovação.

O ônibus atrasou de fato, como eu temia, cheguei quase no limite do tempo, entreguei a documentação toda pela manhã e fui à biblioteca esperar até o horário da publicação da lista de aprovados. Seguia muito cansada, o que era um benefício, pois como disse, não tinha energia para sequer ficar aflita, como via muitos outros estudantes estarem. Deitei em um dos pufes do saguão de entrada e apaguei. Acordei já no horário que iriam disponibilizar a lista dos aprovados, me desloquei até lá, ainda num estado fronteiro entre sono e vigília, tudo se mantinha um tanto etéreo e irreal e lá estavam as listas, em meio a um mar de alunos com seus sonhos, com suas euforias ou frustrações.

É estranho revisitar este momento, pois até hoje ele não me parece tão vívido ou concreto, vi meu nome na lista e dei seguimento à burocracia. Sempre me preparo e espero o adverso, pois tive que lidar inúmeras vezes com situações de grande estresse, mas não tinha ou tenho muita experiência para lidar com as coisas quando estas dão certo, quando são boas. Me mantive sempre no caminho do meio, do controle, de não me permitir grandes expectativas, ou comemorações, pois isto me livrou de ficar muito baqueada frente às contrariedades e frustrações, mas acho que tal mecanismo é um tanto disfuncional na medida que esta estratégia de enfrentamento que internalizei, sim, me poupa dos grandes sofrimentos, mas igualmente me poupa de ser invadida pelas grandes alegrias. Tentar manter um estado basal de equilíbrio impede as oscilações emocionais, me deixa mais funcional, mas de alguma forma me conduz a algo morno, estável, e de algum modo até mesmo tedioso.

Não saberia no atual momento pontuar se tal cálculo de abrir mão de vivenciar os grandes abalos, sacrificando conjuntamente saborear as expectativas positivas e as satisfações é muito proveitoso. Em muitos momentos não me tornei o Sísifo feliz de Camus de fato, mas algo como um Sísifo estável.

*“Mas de lá de dentro do fundo da
treva do chão da cova*

*Eu ouvia a vozinha da Virgem Maria
Dizer que fazia sol lá fora*

Dizer i n s i s t e n t e m e n t e

Que fazia sol lá fora”

Manuel Bandeira

O primeiro ano

Uma cidade nova, um curso novo, uma rotina totalmente diferente e um sistema de ensino também totalmente diferente. Sem minha rede de apoio, e tanto mais ocorrendo nos bastidores, foi um ano conturbado.

Se pudesse resumir o que predominou neste primeiro ano certamente era a falta de minha família, junto com a aflição por não estar perto deles com todo caos que ocorria por lá e também uma profunda insegurança com o formato de ensino da medicina UFSCar.

A mudança sempre nos impele a sair de uma zona de conforto, a buscar uma nova configuração e envolve todo um processo de readaptação ao cenário novo, e isto requer tempo e um grande trabalho interno e externo.

Sinto que estar longe da minha rede de apoio familiar e diversas aflições de toda natureza que ocorreram, me vulnerabilizam profundamente, perdi por alguns momentos meus mecanismos de controle e estabilidade.

Tentava me adaptar a esse novo momento, enquanto era bombardeada com problemas de saúde de minha família, junto com o luto de perder dois tios queridos e uma suspeita de leucemia da minha irmã. Muitas vezes pensei que ia desabar, fiquei esgotada, de sempre ter que lutar, de sempre ter que ser forte.

Ainda, tinha minhas aflições acadêmicas, que pareciam até pequenas frente a tanto mais que ocorria nos outros setores, também estavam lá.

Achava no primeiro momento que a base da anatomia, fisiologia, histologia seriam muito importantes para que todo o mais subsequente conseguisse fluir.

E tendo isto em vista, me sentia muito perdida, e um tanto desamparada em olhar um grande volume e não saber o que era de fato importante de absorver e priorizar para a prática médica futura.

Como exemplo, a fisiologia cardíaca tinha quase 200 páginas no famoso livro de Guyton, e ainda havia várias questões anatômicas e uma semana entre uma atividade e outra para lidar com esses temas complexos e extensos. Com o tempo, passaram a fornecer as ementas e algumas aulas com especialistas, o que para mim foi importante para me sentir menos perdida em um mar de possibilidades e conhecimentos e vislumbrar a aplicabilidade prática do conteúdo teórico.

Tive ainda muita sorte de ter bons facilitadores na disciplina de situação problema e na estação de simulação, empenhados e comprometidos com nosso aprendizado e extremamente empáticos com todo nosso contexto.

Me lembro claramente da facilitadora Larissa revisando os temas com afinco, fazendo suas contribuições tão importantes e sintetizando o que por vezes ficava confuso, nos ajudando a elucidar e amarrar os conceitos e muito além, sentia que ela nos acolhia com tanta ternura e me fez perceber o quanto o afeto é uma ferramenta poderosa e eficaz enquanto vinculado ao processo de aprendizagem.



Goya - Caprichos - No. 43 - El sueño de la razón produce monstruos
(Goya y Lucientes, 1799 - Domínio Público)

A potencialidade do afeto na aprendizagem

Destaco este tópico por entender tanto pela vivência em primeira pessoa, quanto por diversas publicações que já constam na literatura acerca do afeto enquanto potente ferramenta pedagógica no aprendizado.

Afinal, tal visão parece ser a mais alinhada a um curso que propaga desde sua gênese uma formação médica mais humanizada.

Não há medicina sem uma grande dedicação para alcançar domínio adequado da anatomia, fisiologia, patologia, farmacologia, etc. Mas há várias formas e métodos para alcançar o aprendizado destas áreas.

Nem sempre estaremos motivados, num ambiente acolhedor, ou mesmo estaremos num estado emocional harmônico e acredito que a maturidade e persistência nos levam a construir a devida resiliência para buscar o aprendizado mesmo num ambiente hostil. Aprendemos a dançar conforme a música e sempre há algum aprendizado possível e além, não podemos perder de vista que a nossa capacidade de aperfeiçoamento é contínua, progressiva e inesgotável.

Quando estive tanto num ambiente mais rude ou mais acolhedor, obtive aprendizado. Mas o que quero trazer aqui é que o aprendizado interligado ao afeto é um tema amplamente discutido na literatura do campo da educação, bem como há respaldo sobre seu impacto positivo no processo de ensino-aprendizagem nas teorias mais recentes.

Leite, pontua que no cerne do apagamento da relação do afeto com a aprendizagem há uma antiga dualidade histórica “*razão versus emoção*” - o homem ora sentiria, ora pensaria. Ainda, entre estas duas dimensões conflitantes, historicamente, a razão foi tida por longos séculos como superior, enquanto a emoção como algo nebuloso e perigoso, que deveria ser controlado e subjugado pela primeira. (Leite, 2012)

“Pode-se, assim, ilustrar a radical mudança relacionada à concepção humana pelo contraste entre duas máximas, elaboradas num intervalo de três séculos e meio: de um lado, a máxima cartesiana penso, logo existo, em que a razão/pensamento é interpretada como motivo da existência; de outro lado, a máxima recente do neurofisiólogo Antonio Damásio existo e sinto, logo penso, propondo uma clara inversão do domínio secular da razão sobre a emoção, anunciando que esta é a base para a constituição da estrutura cognitiva do ser humano “ (Leite, 2012)

Como ilustração, a fim de um apelo artístico nesta reflexão, a gravura de Goya logo acima traz um duplo significado acerca da razão, uma vez que “*sueño*”, do espanhol, poderia tanto significar sono como sonho: isto é, tanto o sono da razão, a abdicação total da razão leva a “produção de monstros” -eventos adversos- como o sonho da razão, isto é a racionalidade pura, é alienante da realidade, também causando malefícios.

Por fim, há uma extensa base literária que traz que nas concepções mais recentes a afetividade pode ser entendida não apenas como um complemento das práticas pedagógicas, mas pode ser pensada como uma dimensão fundamental para uma melhor aprendizagem, considerando o desenvolvimento integral dos alunos. Professores que entendem e aplicam a afetividade criam um ambiente de aprendizado mais saudável, motivador, produtivo e humanizado. Portanto, a afetividade pode ser considerada uma ferramenta cognitiva importante, transformando o espaço educacional em um ambiente de acolhimento e crescimento, melhorando a eficácia dos processos de aprendizagem. (Leite, 2012; Ferrarezzi, 2023)

Máscara da morte rubra: a pandemia de coronavírus.

Ao final do primeiro ano, estava exausta de uma forma generalizada, mas as coisas estavam se acertando, estava me adaptando, tornava a ter forças de rolar a pedra ao monte, dizia insistentemente para mim mesma que apesar de tudo “*fazia sol lá fora*”.

Mas o tempo ficou nublado rapidamente. Em março de 2020, logo no início do segundo ano, uma crise epidemiológica sem precedentes no último século se instaurou.

A instabilidade generalizada, isto é, na saúde, política, economia e também acadêmica fizeram o início do segundo ano até boa parte do terceiro ano serem repletas de desafios árduos e grandiosos.

Em relação ao âmbito acadêmico, nosso aprendizado foi afetado pela redução dos cenários práticos por um longo período, além do estresse em si

pelo próprio cenário extremo de incertezas e temores que todos enfrentavam também terem impacto em nosso aprendizado e em todos os outros setores de nossas vidas.

Uma das recordações que tenho do período é ter sido profundamente impactada pela leitura do conto "A máscara da morte rubra", de Edgar Allan Poe. Nele, o autor ilustra uma sociedade tomada por uma peste terrível, quando então um príncipe junto a uma pequena elite resolve se isolar em um palácio luxuoso, do restante da população deixada à própria sorte, acreditando que seus privilégios os manteriam imunes do mal que assolava o reino, cito um trecho: "O mundo externo que se arranjasse. Por enquanto, era loucura pensar nele ou afligir-se por sua causa" (Poe, 2013)

A falta de empatia e a falsa sensação de segurança dos privilégios ao final trazem seu desfecho trágico: a morte vermelha infiltra naquele ambiente que pensavam ser blindado da tragédia que ocorria do lado de fora e leva cada um dos nobres ao mesmo fim agonizante dos plebeus.

A obra certamente faz um paralelo com o que se colocou durante os anos de pandemia. Se há algo que ficou de legado é que a postura egoísta não era mais possível, e enquanto por um lado presenciamos seus grandes estragos em larga escala, por outro lado, sua contraposição, a solidariedade, a resiliência também floresceram e foram de suma importância durante esses anos difíceis, em que todos fomos afetados de forma irreversível. Para mim, a lição final que ficou, assim como no conto, é a importância do reconhecimento da nossa vulnerabilidade e o poder reconstrutivo da empatia e solidariedade frente a um cenário de crise

Todos temos nossas dores, nossas cicatrizes e aprendizados, desse período obscuro; entretanto, não farei uma narrativa mais extensa e detalhada sobre o período, pois seria para mim no atual momento algo análogo a abrir uma caixa de Pandora.

“Canta canta, minha gente

Deixa a tristeza pra lá

Canta forte, canta alto

Que a vida vai melhorar”

Martinho Da Vila

Do quarto ano ao internato.

Habemus ciência

Foi no quarto ano propriamente que já tínhamos uma rotina mais próxima à normalidade, com os cenários práticos mais bem restabelecidos.

Ainda foi durante parte do terceiro ano e ao longo do quarto ano que me aventurei na pesquisa, com a orientação extraordinária da professora Carla e coorientação da professora Débora.

A essa altura, já tínhamos conhecimento sobre os graus de evidência, desenho dos estudos, mas nada se compara ao participar in loco do processo de se fazer ciência, que é árduo tanto quanto fascinante.

Construir desde uma questão de pesquisa a partir de uma lacuna do conhecimento e ir gradualmente buscando as hipóteses para responder ao questionamento conferiram um outro olhar sobre a complexidade e os muitos passos pra construir um estudo.

Ao final, além da minha iniciação científica, pude publicar numa revista meu estudo e a analogia sobre esta experiência que tive com a pesquisa científica é como imaginar um cenário hipotético em que se coloca duas pessoas, uma que estudou um bairro puramente por meio de mapas e uma que vivia há anos no mesmo bairro e então nos perguntamos, se ambas fossem colocadas para percorrer a localidade, qual se sairia melhor? O que quero dizer é que a teoria é como o mapa, plano, não comporta toda a complexidade e fluência de uma vivência prática.

Como uma orquestra, cada especialidade tem sua beleza e seu interdiálogo com as demais.

A prática, os atendimentos, o contato com os pacientes iam ganhando mais complexidade do ciclo clínico ao internato, nos demandando alinhar teoria e a prática a cada universo particular que envolve cada paciente, em cada cenário entre a atenção primária, caps, enfermaria, centro cirúrgico, emergência, uti, maternidade.

Cada cenário, cada especialidade tinha suas particularidades: amava a construção complexa do raciocínio clínico com uma longa investigação na clínica médica. Bem como, achava fascinantes a resolutividade e a destreza da técnica da cirurgia. A atenção primária? Um mundo de potencialidades de prevenção e educação em saúde. E a psiquiatria então? Não há complexidade maior do que a mente humana, com suas diversas camadas, variações e singularidades.

Isto inclusive gera conflitos de ordem prática, é difícil escolher só uma área para decidirmos depois nossa especialização, porque pra mim quase tudo se apresenta muito interessante e penso que não poderia ser diferente, pois em medicina é tudo muito interconectado, como uma bela orquestra- não ao acaso, Apolo, um dos deuses associado à medicina, é também uma entidade relacionada à música.

O todo e a parte têm uma relação indissociável no fim, mesmo enquanto especialistas, não deixamos de sermos médicos generalistas e de ter contato com todas as áreas que interdialogam entre si, de modo simbiótico.

Cada estágio que passei ao longo do internato, me gerou empolgação, fascinação, e por vezes me gerava também um frio na barriga: será que sei o suficiente para sustentar esse título tão socialmente denso de “médica?”.

Mas aprendi a lidar com isto também, que passa desde a questão do ego, de não conseguirmos reter tudo tanto o quanto gostaríamos, de termos que aceitar nossas limitações e prontamente corrigi-las, o que passa também por uma questão prática, aprendemos sobretudo a saber onde consultar

rapidamente em fontes seguras informações complementares sobre o diagnóstico, terapêutica, e as atualizações que são sempre inesgotáveis tanto quanto nosso constante aperfeiçoamento.

Ainda, o paciente real, fora das questões teóricas da residência ou dos casos clínicos bem coesos, exige tão mais, múltiplas comorbidades interrelacionadas, com toda uma bagagem humana de vivências e experimentações do processo de adoecer e as múltiplas variáveis por trás.

Comunicação em saúde e a medicina centrada na pessoa

Se teve um tema frequente que abordamos em diversos momentos do curso, desde o primeiro semestre até o fim do internato, certamente foi a importância do desenvolvimento das habilidades de comunicação, bem como, a importância de aplicar tal habilidade em consonância com a medicina centrada na pessoa.

Talvez este seja o ponto mais singular da medicina UFSCar, que constantemente retomávamos, otimizávamos.

As áreas da comunicação e da saúde quando dialogam, produzem uma poderosa ferramenta que diretamente impacta e molda o cuidado e é a partir do bom uso delas que podemos seguir os preceitos de uma medicina individualizada, humanista e singular - centrada na pessoa.

“Torna-se-lhe claro e certo que não conhece sol algum e terra alguma, mas sempre apenas um olho que vê um sol, uma mão que toca uma terra” (Schopenhauer, 2005). Essa sentença, de Schopenhauer, visa pontuar a grande subjetividade que temos em relação ao mundo, que embora seja comum a todos, as formas de percebê-lo, representá-lo e de se relacionar com ele são muito singulares aos sujeitos.

Extrapolando para a saúde, podemos pensar que não há uma patologia, mas um indivíduo singular, complexo, multidimensional que vivencia e compreende o processo de adoecimento dentro de seu contexto único.

Por isto, as formas de se obter e passar uma informação dentro do contexto de diagnóstico ou terapêutica, são tão importantes quanto a própria informação.

O ato de cuidado, também possui seu tripé que tem por início o médico, diante de um cenário, de sinais e de sintomas em que o paciente está circunscrito, fazendo em seguida seu diagnóstico interpretativo desses dados que serão traduzidos numa mensagem de conduta terapêutica ao seu receptor, o paciente, que irá processar e interagir com ela a partir de suas singularidades.

A medicina centrada na pessoa, em contraposição a um modelo centrado numa visão mais restrita e superficial de adoecimento, visa ofertar uma opção terapêutica mais ampla, mais personalizada e conseqüentemente mais precisa e resolutive.

Exige uma compreensão mais integral da experiência do adoecer que passa por sentimentos e significados e expectativas sobre o adoecimento.

Aumentar a profundidade do olhar sobre o paciente e sobre os componentes biopsicossociais que o afetam, aumenta a complexidade da atuação, exigindo que outros atores de uma equipe multiprofissional consigam arquitetar um plano terapêutico individualizado e amplo. Uma equipe bem integrada e conectada, como vimos diversas vezes em vários cenários, potencializa muito mais a eficácia do cuidado.

Não há terapêutica medicamentosa com o melhor respaldo de evidência científica se o paciente não puder obter essa medicação, seja pela falta no sistema público, pelos entraves burocráticos, pela posologia complexa para sua compreensão ou mesmo por uma má adesão devido uma desmotivação pelo sofrimento psíquico em maior ou menor grau atrelado ao processo de adoecimento.

III. ESTÔMAGO

“A fome não é exigente: basta contentá-la; como, não importa.”

Sêneca

A inspiração que dá título a esta narrativa, parte do romance de forte tom crítico e irônico de Camilo Castelo Branco “Coração, cabeça e estômago”. De forma superficial, os três momentos do livro passam pela jornada do personagem Silvestre, narrando seus sabores e dissabores em diferentes fases da vida do protagonista. A primeira parte, “coração”, é um momento mais passional, juvenil, comandado pelas emoções e idealismo, seguido pela “cabeça”, em que o personagem adota uma postura de maior racionalidade, lucidez e criticismo social, que o levam a sofrer consequências por seu posicionamento de maior enfrentamento a um sistema a qual ele se mostrava discordante.

Curiosamente, a parte final, estômago, há uma virada em que Silvestre deixou de lado então as pulsões juvenis e idealistas do coração, seguidamente deixou a racionalidade e revolta que o devoraram e então recai num final pessimista de ceder a uma vida que priorizava puramente a autossatisfação, metaforicamente análoga ao materialismo que representa o estômago e o excesso, demonstrado através da polifagia que inclusive culmina com sua morte.

Mas, ao finalizar essa narrativa que na prática não se encerrará aqui, quero dar um significado diferente, pois a inspiração não é de todo verossímil a esta obra clássica literária, tão visceral, irônica e crítica.

Especialmente, a terceira parte desta minha narrativa, a fase do estômago, aqui trago como uma exaltação do simples, como o ato de sanar a fome com o alimento, algo que pode parecer tão natural, corriqueiro e simples para uma parte da população, mas tão significativo e precioso para uma outra parte. Em muitos momentos de minha vida me senti realizada e aliviada por ter ali o alimento do dia.

A fome, algo elementar de nossa existência traz a noção do imediato, aqui trago então o que há no meu presente, uma vez que já discorri extensamente sobre o passado e de que não temos um preciso domínio do futuro, trago então o que nutre e me impulsiona no agora.

Aqui, há menos medicina, pois ela já foi devidamente abordada com protagonismo nos demais momentos e me reservei este espaço para transcendê-la, embora ela seja tão importante, me gere profunda satisfação, e ocupe boa parte de meus dias, outras coisas me nutrem e me satisfazem.

E o que tem me alimentado nestes últimos dias, é justamente a beleza da simplicidade das pequenas coisas. Quão significativa tem sido um almoço com minha família, digo sem qualquer dúvida que é o momento mais valioso de meus dias. Me sinto grata por ter o alimento, preparado com amor e por ter uma família carinhosa reunida. Não podemos perder de vista a preciosidade da simplicidade, de valor imaterial.

E após tantas adversidades tão dolorosas minhas próprias ou observadas ao entorno, também tenho consciência da volatilidade desses pequenos momentos, por isto, tento vivê-los e aproveitá-los profundamente, porque se há algo que a área da saúde nos relembra a todo momento, é da efemeridade das coisas e é aí que reside também além do temor da perda, um senso de valorização para tentar sorver profundamente cada momento de uma experiência.

Contudo, isto não é uma declaração de abdicação ao materialismo, ele também nos fornece grande satisfação desde que com a devida moderação. Minhas ambições e superficialidades seguem vívidas - há grande beleza e satisfação também em um reluzente diamante! - risos.

Também acho pertinente o recurso literário de ir amenizando o final de uma narrativa, para devolver o leitor a um estado mais ameno e confortável - não quero construir uma bomba subversiva, super reflexiva e transformadora, quero contar minha história, entregar meu TCC, me formar, proporcionar uma vida mais tranquila para minha família e, se sobrar alguma coisa, comprar um diamante ou dois.

E a verdade é que não há essa marcação de fases tão contundente e clara: mantenho meus momentos de coração, de idealismo, junto com os comandos da cabeça, da racionalidade, do cálculo e planejamento e sempre ali em tudo o estômago traz um comedimento com a subsistência, com o mais elementar e nos bastidores junto disso tudo estão as frivolidades, superficialidades e vaidades- que nos tornam demasiadamente humanos.

Ao fim, parafraseando Guimarães, não importa muito de onde partimos e onde chegamos, o real, o valioso está na travessia e me sinto muito satisfeita de poder deixar registrado aqui parte dela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMUS, Albert. O mito de Sísifo. Brasil, Record, 2019.

FERRAREZI, Renata Soares Leal. Um traço e um abraço: Afetividade como elemento facilitador da aprendizagem. Rev. psicopedag., São Paulo, v. 40, n. 121, p. 76-83, abr. 2023

Goya (Francisco de Goya y Lucientes) Spanish, 1799.Domínio Público. Disponível no site: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/338473>, último acesso em 21/11/2024.

GOMES, L. C.; BELLINI, L. M. Uma revisão sobre aspectos fundamentais da teoria de Piaget: possíveis implicações para o ensino de física. Revista Brasileira de Ensino de Física, v. 31, n. 2, p. 2301.1–2301.10, jun. 2009.

MARTIN, J.H. Neuroanatomia Texto e Atlas. 4 ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

ORWELL, G. A Revolução DOS Bichos A Revolução DOS Bichos. [s.l.] Globo Livros, 2021.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento humano. Porto Alegre: Artmed, 2009.

POE, E. A.[tradução de José Paulo Paes]. no livro “A causa secreta: e outros contos de horror”. (Vários autores). São Paulo: Boa Companhia, 2013.

SCHOPENHAUER, A.; BARBOZA, J. O mundo como vontade e como representação. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

